

Pontos de vista.

Está se processando, ignorada pelo grande público, mudança radical da maneira pela qual o mundo é visto. Trata-se de mudança que vai fatalmente afetar não apenas atitudes filosóficas, (que é o campo no qual a mudança está ocorrendo), mas igualmente atitudes científicas, artísticas, políticas, e, em última análise, tôdas as atitudes da vida quotidiana. Com efeito: a mudança da maneira pela qual é visto o mundo vai fatalmente transformar tôdos os nossos conhecimentos, valores e desejos. E, desde já, tais transformações são observáveis em tôda parte, sobretudo nos países ditos "desenvolvidos". O propósito do presente artigo é o de tentar formular essa mutação de perspectiva, essa reviravolta da cosmovisão, ("Weltanschauung"), em termos da linguagem corriqueira.

O homem moderno, o criador da ciência, da técnica e da noção do progresso, se comportava como se tivesse ao seu dispôr guindaste metafísico que o elevava para o ponto de vista de Deus. Olhava o mundo de fóra, "sub specie aeterni". Comportava-se como se pudesse ocupar o lugar deixado vago quando Deus morreu. Tal alpinismo vertiginoso, chamado "pensamento transcendente", é feito tanto mais admirável quanto mais captarmos a sua técnica, a da dúvida metódica. A dúvida "suspendia" o mundo, (por exemplo a cartesiana), e tal suspensão resultou na transformação milagrosa do homem em "sujeito do mundo", (por exemplo em coisa pensante). Simultaneamente o mundo se transformou em "objeto do homem", (por exemplo em coisa extensa). Destarte surgiu situação que seria de comicidade irresistível, não fosse característica da Idade moderna tôda: o homem enquanto "sujeito" pairava por cima do mundo, e procurava, em vão, adequar-se ao mundo agora "objetivo" graças ao conhecimento científico, e graças à manipulação técnica desse mundo-objeto. A situação é irresistivelmente cômica, porque é comédia de erros: é erro crêr que o homem pode elevar-se, qual Muenchhausen, do mundo pegajoso no qual está mergulhado, puxando-se pelos cabelos; e conseqüentemente é erro crêr que o homem precisa adequar-se ao mundo que o cerca de tôdos os lados e o penetra por tôdos os poros. Pois essa commedia dell'arte da ciência e da técnica modernas, cuja apresentação leva quinhentos anos e ocupa o palco, primeiro da Europa, e mais tarde do globo inteiro, é chamado "o progresso".

A partir da perspectiva divina, a qual revela um mundo objetivo, o problema é efetivamente o seguinte: como posso conhecer o mundo, se estou por fóra? É o problema conhecido sob o termo "teoria do conhecimento". Devo inclinar-me sôbre o mundo, devo permitir que o mundo se imprima sobre mim, devo lançar sobre o mundo rede tecida de hipóteses, devo fazer com que minhas mãos, (minha "praxis"), penetrem o mundo? Em suma: qual é a melhor estratégia para eu captar o mundo, (formular "sentenças verdadeiras" e submeter o mundo aos meus projetos)? A pergunta, (a qual é fundamental para a Idade moderna), não tem resposta satisfatória, porque repousa sobre premissa agora revelada falsa. Pressupõe que conhecimento é resultado do encontro entre um sujeito conhecedor e um objeto a ser conhecido. Como um tal encontro é pura ficção, tôdas as teorias do conhecimento modernas estão fadadas.

A perspectiva divina é o chamado "ponto de vista objeti-

vo". Tódo homem moderno procura alcançá-lo. O cientista, o técnico, o artista, o político, o homem de negócios, o líder sindical, o agricultor, o lixeiro, a dona de casa, o juiz, o jornalista, o engraxate, até o monje e o suicida são sujeitos que vêm o mundo objetivamente. Não é de se chorar diante espetáculo de tamanho ridículo, de tamanha paranoia? Porque atualmente se tornou óbvio que o ponto de vista objetivo é inalcançável, (já que um tal ponto não existe), e que é indesejável, (se existisse). É inalcançável, porque o homem não pode sair do mundo dentro do qual se encontra. E seria indesejável porque um mundo "objetivo" não seria interessante, (no sentido de "interesse" ser sinónimo de "estar dentro"). Atualmente se tornou óbvio que a ciência não é disciplina "pura" de um sujeito que flutua por cima dos objetos, mas empreza muito suja de um homem que sofre a pressão das coisas do mundo de tódos os lados. E que a técnica não é intervenção vinda de fóra, (da teoriía), para mudar as coisas, mas luta corpo a corpo entre o homem e as coisas que lhe barram caminho. Em suma: tornou-se óbvio que o conhecimento não é o resultado de um encontro entre um sujeito e um objeto, mas que o conhecimento é uma das formas concretas nas quais o homem se encontra no mundo. Com efeito: tornou-se óbvio que o conhecimento, longe de ser o resultado de um encontro, é, pelo contrário, uma condição para que o homem se torne sujeito. O conhecimento não é obra de um conhecedor, mas o conhecedor é produto e meta do conhecimento.

O que acaba de ser dito não é apenas a triste história (resumida) da Idade moderna e do seu fim, mas também poderosa futurología. Não relata apenas o declínio e a queda da ciência objetiva, da técnica superadora de valores ideológicos, em suma do "progresso". Relata também o despertar de pontos de vista novos, portanto de ciências, técnicas, artes, políticas radicalmente novos. Porque quando o preconceito da objetividade é abandonado, (que é o preconceito da ciência moderna que se quer "despreconceituada"), nova mundivisão, nova "Weltanschauung" se desfralda diante do olhar atônito da humanidade pós-moderna. Antes de esboçar tal visão, (a dita "fenomenológica"), devo dizer que tal abandono da objetividade é por enquanto privilégio de pequena elite. Dos que sabem que, por exemplo, a observação modela o observado, ou que o observador se modifica ao longo da observação. De maneira que, provisóriamente, não são os "bons cientistas" que têm conhecimentos objetivos a respeito de realidades objetivas, mas são os "bons políticos, bons administradores e bons educadores". Esperemos que tal situação grotesca de transição entre duas mundivisões não prevalesça por muito tempo.

Retirada a ideología da objetividade que o encobre, o mundo se revela contexto de relações concretas com coisas e com outros homens nas quais estou engajado. Sou sujeito de cada uma de tais relações, na medida na qual me interesso por elas. De maneira que o que chamo de "eu" não passa de guincho abstrato sobre o qual são pinduradas relações concretas. Sou horizonte de relações que apontam o mundo. Sou enquanto me relaciono com o mundo. Mas o inverso é igualmente válido: o mundo é enquanto relacionado comigo, é o outro horizonte da relação concreta. (É o que o prof. Vargas chamou, em recente artigo, de "complementariedade".) Mas é engano crêr, (como o prof. Vargas parece crêr), que os horizontes, os "polos", são re-

versíveis. Embora eu não esteja sem mundo e o mundo não esteja sem mim, eu "faço" do mundo meu objeto, e o mundo "me faz" seu sujeito. A concreticidade da relação, a sua irreduzibilidade, a sua imediaticidade, em suma: o fato da relação ser assim e não assado, faz com que eu seja um entre inúmeros pontos de vista possíveis. Esta sentença, aparentemente complicada, é na realidade muito simples. Diz que há inúmeros pontos de vista possíveis sobre o mundo, e que é precisamente esse sem-número de pontos de vista que caracteriza tudo que é concreto.

Reformularei o dito para torná-lo imaginável. Retirada a ideologia da objetividade o mundo se revela contexto ~~um~~ de casos concretos, cada qual cercado de enxames de pontos de vista. Cada caso concreto pode ser visto de longe e de perto, de cima e de baixo, de frente e de costas, e revelará, sob cada ângulo, aspecto diferente. E eu sou, na medida na qual ocupo um daqueles pontos de vista, na medida na qual sou portanto uma das abelhas que voam em torno dos casos concretos para sorver-lhes o nectar. E, na medida na qual não participo da dança de ponto de vista em ponto de vista, simplesmente não existo. Em outros termos: eu sou um dançar em torno de casos concretos, os quais têm, como o "outro" horizonte, o mundo. Em suma: viver é mudar de pontos de vista, e a intensidade da vida é função da quantidade de pontos de vista assumidos. E progredir não é necessariamente saltar de caso para caso, mas pode perfeitamente ser revelar sempre novos aspectos do mesmo caso.

É claro que tal mudança de cosmovisão, (a qual já ocorreu sem ter sido difundida pelos ditos "mass media"), implica em radical transformação de atitudes. A noção do progresso linear torna-se insustentável, e isto acarreta o abandono do conceito de "desenvolvimento". Todas as categorias políticas e estéticas devem ser repensadas: por exemplo a noção de "progressista" e "vanguarda" passa a ser besteira. Não apenas é necessário reformular a relação entre ciência, arte e política, talvez seja inclusive necessário abandonar tais categorias consagradas. Se conhecimento implica interesse, e interesse implica vivência, se posso conhecer apenas o que tem valor, e valorar apenas o que conheço, se tenho experiência apenas daquilo que conheço e conheço apenas o que vivencio, em suma se estou sempre em relação concreta, então a arte é uma forma de conhecimento, a ciência é uma forma de arte, e a política é uma forma de ciência e de arte. E se viver é conhecer, valorar e vivenciar afim de modificar casos concretos, a dignidade humana, e a liberdade, são, as duas, prontidão de sempre abandonar pontos de vista em prol de outros. A noção da fidelidade deve ser repensada.

Não vejo por enquanto limites impostos ao vôo da fantasia quando adentra essa nôva visão das coisas. O propósito do presente artigo era o de transmitir algo do clima de aventura que cerca toda pesquisa empreendida após o abandono do mito da objetividade. De todo aquele que despertou do "sonho dogmático" do progresso e do desenvolvimento, em suma: da Idade moderna.